

CORREIO DO VOLTA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51
—
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES
Editor—José Ferreira de Magalhães

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
R. DO COMMERCIO DO PORTO, 124-B
—
PORTO

Não se devolvem originaes nem se accetta collaboração que não seja sollicitada.

Politica, quanto menos, melhor

Oito dias depois de proclamada a Republica, escrevemos: «Em Portugal não ha, actualmente, partidos politicos. Ha portuguezes que, sob a mesma bandeira, e com os olhos postos no primeiro governo da Republica, esperam ansiosamente que á mudança de regimen politico succeda uma transformação economica, juridica e moral».

Dominava-nos, nesse momento, a consoladora esperanza de que jamais assistiríamos, no nosso paiz, á lucta de interesses partidarios, cheia de immoralidade e de baixesa, que caracterisara os ultimos annos do velho regimen. Os monarchicos penitenciar-se-hiam das suas faltas, dos seus erros e dos seus crimes, adherindo á nova forma de governo, com o proposito sincero de não voltar a repeti-los. Pesava-lhes na consciencia o remorso tremendo de terem arruinado a sua patria, e queriam rehabilita-la e rehabilitar-se. Não se revoltaram contra a Republica, no momento da sua proclamação: jamais a hostilizariam. Pelo contrario, haviam de dar-lhe toda a sua energia, estavam dispostos a fazer por ella todos os sacrificios, seriam os seus melhores servidores.

E, talvez com este intuito, lhe deram logo a sua adhesão. Mas os republicanos recusaram-na, com o receio de que ella iria manchar a Republica que elles desejavam ver sempre immaculada. Para evitar um perigo, prepararam outro. Os monarchicos sentiram-se vexados e começaram a irritar-se. Apesar de toda a generosidade do Governo Provisorio, não houve meio de passar sem algumas perseguições, chegando mesmo a darem-se em aldeias sertanejas onde ao caciquismo monarchico succedeu o caciquismo republicano. Os animos iam-se exaltando, e porque não era possivel um protesto publico, em voz alta, sob pena de maiores perseguições, começou a conspirar-se. A lei da Separação da Igreja do Estado, vindo ferir muitos interesses e as crenças das populações do Norte do Paiz, ainda profundamente religiosas, acabou de accentuar a corrente hostil á Republica. Paiva Couceiro, que os proprios republicanos venceram de que era um he-

roe, viu chegado o momento de realisar o seu sonho de alucinado—a queda do novo regimen que elle só substituiria, como dictador militar.

Mas Paiva Couceiro, porque foi monarchico e porque, mais cedo ou mais tarde, teria a seu lado, a governarem, todos os antigos monarchicos, não merece o apoio de cidadãos portuguezes e, se não fosse a protecção que lhe vae dispensando o paiz visinho, não constituiria o menor perigo para as Instituições. Os portuguezes poderão não estar satisfeitos com os processos de governo dos homens da Republica, mas em condições nenhuma a trocariam pela monarchia, principalmente vindo esta a ter os mesmos servidores que revelaram a sua incapacidade administrativa e moral, arruinando o thesouro publico para enriquecer o rei.

Dos monarchicos mal nenhum virá as Instituições, mas póde vir-lhe dos republicanos. Quando ainda viviamos naquella doce e consoladora illusão de que em Portugal não havia partidos politicos, já varias facções se iam esboçando, erguendo as respectivas bandeiras alguns dos homens que mais trabalharam pela implantação da Republica e, agora, mais deveriam trabalhar para que ella correspondesse inteiramente ás aspirações de quem nella poz todas as esperanças de resurgimento e regeneração do povo portuguez.

Quando démos pela formação d'esses grupos partidarios, suppozemos ainda que ella obedeceria a divergencia de principios, a altos ideaes e interesses nobres. Nunca nos convencemos, e ainda nos custe a acreditar-lo, que podessem separar republicanos meras questões de partidario, quando não exclusivamente pessoas. Mas os incidentes a que deu logar a constituição do actual ministerio, os episodios que estão ligados a algumas sessões do Congresso, inclusivamente as extraordinarias que se realisaram nos ultimos dias, as polemicas que vão pela imprensa, tudo isso, quando não nos dá a certeza, que seria dolorosissima, faz-nos recear que os republicanos venham a lançar-se na mesma lucta dissolvente que

perdeu os monarchicos e ia perdendo o paiz.

Procuramos sempre prevenir-nos contra as tendencias pessimistas do nosso espirito, mas, por muito que nos esforcemos, não nos é possivel, hoje, encarar com optimismo a situação. Para mais, quando nos dispunhamos a lançar mão da pena, surpreendeu-nos a noticia de que o Governo pediria a demissão por o Senado haver introduzido alterações na proposta de lei relativa aos conspiradores. Aquiestá a questão politica, preferindo a todas as outras: a moral, a patriotica e a internacional,—a mais grave, neste momento. Quando é preciso impormo-nos ao estrangeiro, dando-lhe a certeza de que somos um povo forte, educado, bem orientado e unido, que quer e póde viver autonomamente, estamos a dar o espectáculo comprometedor de rixas caseiras que denotam falta de educação, desunião e fraqueza.

Não receemos os conspiradores, coitados, que no dia em que lhe faltar a protecção de estrangeiros deitarão as armas fóra, mas tenhamos medo das facções em que o partido republicano está dividido. Torne-mo-nos respeitadas, já que não póde ser temidos, das nações estrangeiras, e para isso a primeira condição é revelarmos um povo sensato, capaz de governar e administrar o que lhe pertence.

Bem sabemos nós que, entre os republicanos, ha homens de iniciativa, de talento, de saber, e honestos. Apaixona-os o bem do seu paiz, e toda as suas aspirações consistem em demonstrar concretamente que a Republica póde realisa-lo.

Mas, para isso, é indispensavel que terminem, d'uma vez para sempre, as luctas de caracter politico, tomada esta palavra na sua baixa acepção. E' preciso que quem governa adopte esta divisa: politica, quanto menos, melhor.

Faz hoje 84 annos que se deu a Batalha de Navarino, em que as esquadras russa, ingleza e franceza, destruíram as frotas turcas e aniquilaram o seu poder naval (1827).

—Faz hoje 106 annos que se deu a batalha de Trafalgar, em que as esquadras hespanhola e franceza são batidas por Nelson, que é morto no combate (1805).

—Faz hoje 51 annos que os francezes e inglezes tomam Pekim e queimam o famoso palacio de verão, verdadeiro museu da arte chinesa (1860).

GAZETILHA

O doutor Joaquim Pedro, do Casal,
Um bom velho d'aspecto venerando
D'alma e corpo devéras colossal,
Nem deixava de rir de vez em quando,
Nem que os outros se rissem tinha a mal.

Entre varias partidas engraçadas
Succedidas, em tempos, co' o doutor,
Que mais tarde talvez sejam contadas
Se engrimpado o rapaz antes não fór,
Ouvinde esta que foi das mais falladas.

Duma vez, e na sala de jantar,
Enfronhado nas fábulas de Phedro,
Passatempo, em latim, bem salutar,
Entrelinha-se o velho Joaquim Pedro,
Quando alguém desse enlevo o vem tirar.

Era o Zé Fadistinha que trazia
Arrendada ao doutor uma fazenda
E que vinha pagar-lhe neste dia
Uns mil reis combinados pela renda
Dessa terra que ha muito já fazia.

O doutor Joaquim Pedro, generoso,
E contente por ver o còbresito,
Disse ao Zé Fadistinha, mui guloso,
Que tirasse e comesse um pedacito
Dum bom queijo flamengo appetitoso.

Sem cer'monia pegou o Zé n'aquillo,
E julgando que estava a partir b'rôa,
Do tal queijo, inda inteiro, obra dum kilo
Separou com mão forte, mesmo á tôa,
E na pança o metteu muito tranquillo!

Orá o nosso doutor tal graça achou
A' maneira expedita e delicada
Como o Zé ao seu queijo se atirou
Que lhe torna: «você não come nada:
Ande lá, tire mais; ou não gostou?»

Gostei muito, senhor, e visto então
Que Vossencia comigo tanto aperta
Tirarei, sem cer'monia, outro quinhão!!
E do queijo ficou, agora, á certa,
Tão somente a grossura dum tostão!

—P'ra que fica esse resto, caro Zé?!
Acabe isso, ande lá, diz o doutor.

—Meu senhor, não atei-me, por quem é,
Que já tenho a barriga qual tambor,
Mas será, se calhar, d'outra maré.

Insistiu o doutor de tal maneira,
Sorridente, que o Zé julgando offensa
Muito grave a recusa, e até grosseira,
Disse: então se Vossencia dá licença
Levo o resto p'rá minha companheira!
20—10.º—911.

EL-VIDALONGA.

PAUSAS DA VIDA

VIII

Uma joia perdida

Os elementos principaes do panorama que vou recordar são os seguintes:

Uma estrada a perder de vista no plano infinito; larga, ás grandes curvas; descoberta, poeirenta, abrasada das irradiações implacaveis do sol. Imagine-se por essa estrada, outr'ora as legiões do imperio e os cortejos dos cezares victoriosos, e hoje um d'esses brilhantes regimentos de *bersaglieri*, criação do general Lamarmora, de armas deitadas, de plumas ao

vento, que passam por nós em marcha vertiginosa como um tufão. Quem não gostasse de coisas militares poderia imaginar um *campagnuolo*, de cara rapada, de calças pelas canel-las, de botas de resistencia, ou uma *campagnuola*, muito esme-rada em sua pobreza, de saíote curto, e tambem de botas.

Para os lados, campos de feno e manadas de bois! Não que aquelle torrão não tenha as bênçãos de Deus; oh! se tem! basta trata-lo com um pouco de carinho, e elle dá de si as immensas riquezas que encerra. Mas a provincia inteira está na mão de poucos senhores: latifundios formidaveis, talhadas de Gargantúa, que mesmo assim, arrendados ao desbarato a quem não quer senão o que a terra quasi espontaneamente produz para o gad-, sobejam para o luxo de quatro ou de cinco solares.

Um apparencias de bosque, chamadas *macchie* na lingua da terra, quebram de longe a longe a monotonia do deserto, e preparam ao caminheiro, fatigado dos ardores da jornada, um momento de frescura e de allivio.

Onde vae o dia em que nove ou dez companheiros que se sentiram com pernas para a empreza, abalando de Monte-Mario, se metteram por essa ardente Via-Appia em direcção a Brasciano?!

Agora é que eu sei que ha marchas ainda mais extenuantes e aridas do que as que se fazem pelo interior africano!

No caminho havia uma *osteria*, onde, ainda me lembra, nos serviram ródinhas de salame, gallo com macarrões, e café.

Depois avançamos para o lago.

Como se encontra alli perdida aquella joia, lançada áquella horrenda *campagna romana*?! pois trata-se de um lago autentico, com as suas aguas crespas e azuladas, com os seus jogos de luz, com as suas margens graciosas e povoadas, com as suas barcarólas, com o seu velho castello feudal!

No entanto era preciso voltar. Aquelles dez minutos de contemplação e de extasis custavam-nós dóse dobrada de bolhas nos pés.

No dia seguinte, o pobre Zamith, um rapaz da ilha de Malta, não tinha pernas para se levantar da cama!

Loanda, 6 de agosto de 1911.

João, Bispo d'Angola e Congo.

ASSUMPTOS LOCAES

Ha muito tempo que vimos chamando a attenção da auctoridade administrativa local para o facto de individuos embuçados percorrerem as ruas, altas horas da noite, e, se não estamos em erro, já lhe lembrámos até a necessidade, de vez em quando, fazer rusgas, aproveitando para isso os serviços dos cabos d'ordens.

O facto lamentavel que, sob a epigraphe *Selvageria* relatamos noutro logar d'este jornal, impõe-nos o dever de voltarmos ao assumpto, tanto mais que, segundo o nosso conhecimento, o sr. regedor nenhuma providencia tomou ainda contra a velha usança do varapau e do capuz pela cabeça.

Sabemos nós muito bem quanto custa acabar com habitos que datam de ha muitas dezenas d'annos, mas o velho proloquio — *agua mole em pedra dura tanto bate até que fura* — ainda não deixou de ser verdadeiro. Ora experimente o sr. regedor, e verá como temos razão.

Ha muitos annos que se roubam gallinhas nesta terra, com uma frequencia extraordinaria, e ainda não foi possivel apañhar nem um dos gatinos que devem ser numerosos; ha mezes andou toda a villa sobresaltada com as proezas do Carlos Preto e da sua quadrilha; agora, apparecem quebrados os vidros da casa d'uma senhora por todos os titulos respeitavel. E nós perguntamos: Parte d'estes crimes, pelo menos, não poderiam ter-se evitado, se o sr. regedor houvesse tomado alguns providencias contra os engaboados, como a das rusgas de que acima fallamos?

Todos os crimes referidos têm ficado impunes. Apenas o Carlos Preto soffreu alguns dias de prisão correccional. D'este modo, o que estará reservado á nossa terra, accetando que a impunidade tem um poder suggestivo extraordinario?

Não se esqueçam as auctoridades, e para o nosso caso muito especialmente o sr. regedor, de que *mais vale prevenir de que remediar*.

A boa doutrina, em questões penaes, consiste, parece-nos, em evitar os crimes. Castigar é sempre doloroso, e quasi nunca eficaz. Quem entrou na cadeia por furtar um pão, sae de lá habilitado a roubar centenas de mil reis, o que levará á Penitenciaria ou ao degredo. E a respeito de regeneração temos conversado, na maioria dos casos. Não nos seria preciso ir muito longe para encontrarmos uma prova bem frizante da nossa asserção. Mas não fallamos em coisas tristes.

Trate o regedor da nossa terra, pela sua parte, de pôr em pratica a boa doutrina, sem exageros nem violencias, mas com regularidade e persistencia. E verá que os embuçados acabarão, um dia, de todo, e os crimes nesta terra serão cada vez menos.

A 18 d'agosto de 1904, e portanto na primeira phase ainda d'esta gazeta, publicámos aqui uma local que começava por estas palavras:

Segundo nos consta, alguns benemeritos filhos d'esta villa pensam em illuminá-la—melhoramento importantissimo cuja necessidade de muito tempo se faz sentir.

A camara municipal d'Aveiro é que devia pertencer a sua iniciativa; mas o dinheiro é pouco, e este mesmo—que ainda podia chegar para muito—mal chega para gastar na cidade. Fora d'esta alguma coisa que se tem feito de util é devido quasi exclusivamente á iniciativa particular, e mal d'aquellas terras onde não haja homens que tenham a boa vontade e energia precisas para as irem fazendo caminhar, embora arrastadamente, na senda do progresso.

Já lá vão sete annos, e a nossa terra continúa ás escuras. Os seus benemeritos filhos encolheram-se, não sabemos bem por quê; e a Camara Municipal não pensou no caso. Mas é innegavel que a illuminação d'esta villa, pelo menos durante o inverno, impõe-se como uma das suas maiores necessidades. Trate o actual vereador, sr. Sebastião Pereira de Figueiredo, do assumpto na Camara e verá como ainda ha-de haver alguém nesta terra que o applauda e secunde os seus esforços.

Concordemos em que a Camara não tem dinheiro para sustentar tal melhoramento; mas tome ella a sua iniciativa, e apparecerá quem facilite e concorra para a sua realisação. Dependê isto de alguém lançar mãos á obra, e ninguem em melhores condições para o fazer do que o actual vereador.

Chamámos, ha tempos, a attenção da commissão administrativa local para o estado de verdadeira ruina em que se encontram os muros do nosso mercado. Suppunhamos que se havia mandado já proceder ás indispensaveis reparações, mas acabamos de saber que ainda nada se fez.

E' ineuria de mais. Não se lembram, ao menos, os homens a quem fôram confiados os interesses d'esta terra que quanto mais se adiar o concerto maior despeza se terá de fazer?

Qualquer dia, começa a concorrer ao mercado o bello nabo da Oliveirinha; os carroceiros tem o costume de atirar as traças dos carros de encontro aos muros, e depois queremos ver quem é capaz de lhes apañhar as multas que por ventura lhes forem applicadas. Pois não têm elles sempre esta porta aberta? allegar que o muro já estava estragado?

Attendam a isto, sr. Presidente e srs. vogaes da commissão administrativa. Não dêem direito a dizer-se que juntas monarchicas e juntas republicanas são tudo uma e a mesma coisa.

Como nós temos desejo de applaudir o sr. João Simões Pereira e os seus collegas! Mas é preciso que elles olhem a serio pelos interesses da nossa terra. Mãos á obra!

NOTICIARIO

INFORMAÇÃO LOCAL

Estudantes — Matriculou-se na primeira classe, no lyceu Rodrigues de Freitas, do Porto, o menino Dorwal de Lemos, dilecto filho do nosso presado conterraneo sr. Sebastião Soares de Lemos, um dos commerciantes mais conceituados d'aquella cidade.

O menino Dorwal fez, este anno, em Aveiro, o exame do 2.º grau, obtendo uma bella classificação, o que denota da sua parte qualidades de intelligencia e de trabalho muito apreciaveis e honra a sua professora, a sr.ª D. Carolina Adelaide de Mello, d'esta villa, que tem dado innumeradas provas de extraordinario zelo e incontestavel competencia.

Desejamos que o menino Dorwal obtenha sempre bom exito nos seus exames.

—Matriculou-se tambem na 1.ª classe do mesmo lyceu a menina Palmyra Vidal, filha do nosso querido conterraneo e muito apreciado collaborador, sr. Angelo Vidal.

A menina Palmyra, na aula de instrucção primaria, revelou sempre, além de grande vocação para as letras, muito interesse pelo estudo. Não é de presumir que a primeira qualidade tenha desaparelhado e, dado o caso que a segunda ainda subsista, pôde o nosso querido El-Vidalonga ter a certeza de que a sua galante filha (basta que o seja tanto como o pae) fará um bello curso. E' o que do coração desejamos.

—O sr. Edmundo Coelho de Magalhães, filho do nosso saudoso conterraneo sr. José Fortunato Coelho de Magalhães seguiu, ha dias, para o Porto onde vae frequentar um curso de commercio, para depois se dedicar á carreira commercial. O sr. Edmundo de Magalhães frequentava o lyceu, tendo já feito o exame do 3.º anno, devendo ser-lhe, por isso e pelas suas faculdades de intelligencia e de trabalho, relativamente facil obter, em pouco tempo, as habilitações necessarias para encetar a carreira que escolheu, sem duvida uma das mais proveitosas. Escusado será dizer que desejamos vê-lo bem collocado e feliz.

Baptisados — No dia 15 realiso-se, na igreja d'esta freguezia, o baptismo das seguintes creanças: José, filho de Francisco Marques Delgado. Padrinhos: José Ferreira Liborio e Rosa Campos.

Sebastião, filho de Alípio Gomes da Silva. Padrinhos: João e Felismina Gomes da Silva, irmãos do neophito.

Aos recém-nascidos desejamos uma vida cheia de venturas, e a seus paes enviamos muitos cumprimentos.

Fallecimento — Falleceu, no dia 19, a sr.ª Anna de Jesus, mais conhecida por Anna do Barreiro, desta villa, que contava aproximadamente 85 annos. A extincta estava, ha muito, entredada e falta de juizo. A todos os seus enviamos sentidas condolencias.

Busca — Informam-nos de que, no dia 14, passaram uma busca á capella do cemiterio d'esta freguezia, pertencente ao sr. Eduardo d'Oliveira Barbosa, actualmente prezo na Relação do Porto, como supposto conspirador. Nada encontraram de compromettedor.

Selvageria — Na noite de 14 para 15 do corrente quebraram os vidros do chalet da sr.ª D. Rosa da Assumpção Simões Pereira, professora official aposentada, muito considerada e estimada pelas suas virtudes domesticas e civicas.

Não se sabe quem seria o auctor d'esta verdadeira selvageria, mas é indispensavel que as auctoridades procedam, com todo o cuidado, ás necessarias investigações. Crimes de tal natureza não podem nem devem ficar impunes,

sob pena d'esta terra começar a ser apontada como—selvagem.

Anniversarios. Fizeram annos: No dia 18 — o sr. João Dias d'Almeida, filho do nosso amigo e considerado commerciante sr. Venancio Dias d'Almeida.

—No dia 19 — o sr. Manuel Marques Janvelho, abastado proprietario e conceituado industrial, e a menina Maria Dias da Costa, filha mais velha do nosso amigo sr. Paulo Ferreira da Costa.

—Tambem passa amanhã, 23, o anniversario natalicio da ex.ª sr.ª D. Elysa Augusta dos Reis Lima, irmã do nosso illustre conterraneo, sr. desembargador Manoel Alvaro dos Reis Lima, meretissimo juiz da Relação de Lisboa.

Estadas — Tem estado entre nós o nosso presado amigo e conterraneo sr. Manoel Dias Saldanha, digno e muito considerado commerciante na capital.

—Esteve ha dias em Valle Maior o sr. Padre Manoel da Cruz, digno parochio d'esta freguezia.

—Está a banhos, na Costa Nova do Prado, o nosso presado conterraneo e amigo sr. Avelino Dias de Figueiredo. Muito desejamos que regresse, completamente restabelecido dos seus incommodos.

—Entre as varias pessoas que tem ido d'aqui, ultimamente, visitar Albergaria-a-Velha, aproveitando a nova linha do Valle do Vouga, occorrem-nos as seguintes: Manoel Nunes de Carvalho e Silva, Antonio Simões da Silva, Manoel Dias Saldanha, José Fernandes de Jesus e seu filho José Ayres Fernandes.

—Está a banhos na Costa Nova do Prado o nosso conterraneo sr. Manoel Dias d'Almeida.

Partidas e chegadas — Regressou de Pernambuco (Brazil) o nosso amigo e conterraneo sr. Amadeu Mattos Nogueira, desejando que tenha chegado de saude, apresentamos-lhe os nossos cumprimentos.

—Regressou de Lisboa, onde esteve de visita aos seus filhos srs. Manoel e Thobias da Silva Cravo, a sr.ª Emilia de Jesus, d'esta villa.

Doentes — Continua doente, o que muito sentimos, o nosso amigo sr. José Rodrigues Felizardo, digno carteiro d'esta villa. Fazemos os mais ardentes votos pelas suas melhoras.

—Tambem se encontra doente a sr.ª D. Maria da Conceição Fernandes cujas melhoras desejaremos.

PELO DISTRICTO

Conspiradores — O *Primeiro de Janeiro*, em correspondencia d'Aveiro, datado do dia 17, informa que foram detidos para averiguações os srs: Padre Antonio dos Santos Pato, vigario da freguezia de S. Pedro das Aradas, suburbios d'aquella cidade, e Luiz Soares, com casa de pasto em Aveiro, freguezia da Vera Cruz. O mesmo jornal dá a noticia de que foi posto em liberdade o sr. Padre Marques de Castilho, natural d'Agueda, e professor da escola de ensino normal de Leiria, que havia sido detido no domingo á tarde.

—Entre outros, foram detidos mais os srs: Manoel Duarte Viana, Padre José Simões Martins de Barros, Acio de Assis Coelho, Severim Duarte, da Mourisca; Luiz Lourenço Villar, d'Agueda; Armando Simões Caio, da Mamarosa; Francisco Carvalho, d'Aveiro; e a sr.ª D. Delminda da Costa, professora na freguezia de Lamas (Agueda).

—Seguram na sexta-feira para Coimbra, dando entrada na Penitenciaria, 35 individuos que tem estado presos na Relação do Porto, como supostos conspiradores.

Entre elles contam-se os srs.: Dr. Jayme Duarte Silva, Eduardo de Oliveira Barbosa, Arthur da Rocha Trindade, Firmino Fernandes, Antonio Ferreira e Dr. Innocencio Fernandes Rangel, d'Aveiro.

Conferencia — No domingo passado realisou uma conferencia democratica, no Centro Republicano d'Aveiro, o illustre deputado sr. dr. Vilhena Barbosa de Magalhães que fez uma larga apreciação da obra do governo provisório, mostrando as vantagens de todas as leis publicadas.

Despronuncia — O juiz da comarca d'Aveiro, por novo despacho no processo instaurado contra alguns individuos, como supostos conspiradores, despronunciou quatro: os srs. Ricardo e Domingos Pereira Campos, Alberto Catalá e João Luiz Flamengo que já estão soltos. No entanto, o representante do Ministerio Publico recorreu para a Relação do Porto do referido despacho.

Valle do Vouga — Os trabalhos de construcção, em direcção a Vizeu, vão seguir da Sernada, logo que o traçado seja approved pelo governo.

Escola de S. João de Loure — Já reabriu a escola official do sexo feminino, de S. João de Loure, de que é dignissima professora a sr.ª D. Maria José Varela de Brito que, como noticiamos no ultimo numero, esteve doente durante algum tempo em Santa Comba Dão.

PELO PAIZ

Na Fronteira — Muito se vae publicando na imprensa sobre o assumpto, mas a maior parte das noticias apresentam-se-nos com caracter de inverosimeis, pelo que nos limitamos a inserir as informações officias:

Dia 17 — O governo recebeu communicação de que os conspiradores marcham em duas columnas separadas, respectivamente commandadas por Paiva Couceiro e D. João d'Almeida. Passaram já além da Portella do Homem, tendo sido vistos, de madrugada, em frente á Portella de Requiães. O governo resolveu não deslocar tropas, visto ter no Minho uma divisão completa.

Dia 18-19-20-21 — Do que lemos nos jornaes diarios d'estes dias, talvez tenhamos de concluir que a noticia anterior não é verdadeira. Mas se o *Primeiro de Janeiro* a deu sob esta epigraphe *Informações officias*... Não percebemos nada. A verdade é que os conspiradores ainda não desarmaram e, internados na Hespanha, ou já dentro do paiz, trazem a nação em constante sobresalto.

Universidade de Coimbra — Fez na quinta-feira acto da 3.ª cadeira da Faculdade de Direito, ficando plenamente approved, o sr. João de Deus Pereira a quem enviamos cordaes cumprimentos.

—Foram demittidos, por abandono de logar, os lentes da Faculdade de Direito srs. drs. Teixeira d'Abreu e José Tavares.

Actos de Direito em Lisboa — O «Diario do Governo», do dia 20, publicou uma portaria, mandando que sejam feitos em Lisboa os exames dos 14 alumnos da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra que, assim, o requereram. Dos respectivos juries faz parte o nosso illustre conterraneo sr. Desembargador Manoel Alvaro dos Reis e Lima, meretissimo juiz da Relação de Lisboa.

Demissão do governo — Na sexta-feira, de tarde, o governo pediu a demissão, em virtude das alterações que o senado introduziu na lei dos conspiradores. Durante a noite, o conselho de ministros esteve reunido até ás 5 horas da manhã, mas nada se sabe das resoluções tomadas. Parece, no entanto, que o governo não desiste do seu pedido.

Congresso — Como prenociamos, reuniu extraordinariamente o congresso que approvou, com modificações, a proposta de lei relativa aos conspiradores, apresentada pelo governo.

Dr. Antonio José d'Almeida — A's 10 horas da noite, de sexta-feira, o sr. dr. Antonio José d'Almeida foi alvo d'uma grande manifestação hostil por parte de numerosos populares de Lisboa. Atravessava o ex-ministro do interior o Rocio, acompanhado d'alguns amigos, quando rompeu a manifestação. O sr. dr. Antonio José d'Almeida teve de recolher-se no estabelecimento do espingardeiro sr. Heitor Ferreira que, vendo a attitudo dos manifestantes, mandou logo correr as portas blindadas. Apareceu no local uma força da guarda republicana que tentou dispersar o povo. O sr. dr. Antonio José d'Almeida só sahio do referido estabelecimento, a convite dos officiaes da armada srs. Marinha de Campos e Mariano Martins que, com mais dois amigos, o acompanharam em automovel, e de revolver em punho, até á sua residencia.

Grève — Os vendedores de jornaes de Lisboa puzeram-se em grève, fazendo ás empresas entre outras reclamações a de que os jornaes lhes fossem entregues á razão de 6 réis, cada um. Tem feito algazarra e violencias, obrigando a força publica a intervir, mas parece que pouco ou nada conseguirão.

O que convem saber

Cobrança — Por descuido da administração está a cobrança do nosso jornal muito atrazada em algumas terras. Compreende-se que tenhamos grande necessidade de a regularisar, mas os assignantes nada soffrerão com o desleixo do administrador, porque só excepcionalmente lhes será enviado, de cada vez, um recibo de mais de seis mezes, e nunca de mais d'um anno. Vamos começar a expedir-lhes, nestas condições, e muito estimariamos que os nossos obsequios assignantes os satisfizessem, logo que lhes fossem apresentados, pois, d'outro modo, sujeitar-nos-hão a grandes despezas. Desde já, apresentamos a todos os nossos mais vivos agradecimentos.

Salvo-conducto — Nenhum cidadão pôde ausentar-se para o estrangeiro sem levar o salvo-conducto passado pelo governo civil do respectivo districto.

Generos — Publicamos a seguir o preço por que correm os generos em alguns mercados:

No de Eixo: — Feijão laranja, 800 réis; idem branco, 880 réis; idem laranja amarello, réis 1200; milho, 600 réis. Ovos, cada dúzia, 130 réis.

No de Anadia: — Trigo, 700 réis; os 15 litros; milho amarello, 480 réis; idem branco, 500 réis; batata, 300 réis; aveia, 600 réis;

feijão, 800 réis; vinho branco, réis 12000 os 20 litros; idem tinto 700 réis; vinagre, 700 réis; aguardente de vinho, 22000 réis; idem medronhal, 12800 réis, azeite, 7500 réis os 10 litros.

No d'Oliveira d'Azemeis: — Milho branco, 20 litros, 700 réis; dito amarello, 680 réis; trigo réis, 12140; centeio, 660 réis; feijão branco, 850 réis; dito amarello, 600 réis; dito fradinho, 840 réis; dito mistura, 850 réis; arroz da terra, 15 litros, 12500 réis; batata, 460 réis.

No de Agueda: — (Medida de 20 litros) milho branco 720; amarello, 760, miudo, 750; feijão laranja, 900; branco, 850; fradinho, 600; trigo, 11700; centeio, 400; tremçoço, 500; painço, 750 réis.

Toda a correspondencia, relativa a este jornal, deve ser dirigida ao seu director para o Porto, rua do Comercio do Porto n.º 124-B.

Constituição Política da Republica Portuguesa

Projecto n.º 3, tal como foi approvedo pela Assembleia Nacional Constituinte na discussão terminada na sessão nocturna de 18 de agosto de 1911, com as alterações feitas para a redacção final pelas commissões de redacção e constituição e pelos auctores emmendadas

SECCÃO II

Dos crimes de responsabilidade

Art. 53.º São crimes de responsabilidade os actos do Poder Executivo e seus ageutes que attentarem:

- 1.º Contra a existencia politica da Nação;
2.º Contra a Constituição e o regimen republicano e democratico;
3.º Contra o livre exercicio dos Poderes do Estado;
4.º Contra o gozo e exercicio dos direitos politicos e individuais;
5.º Contra a segurança interna do paiz;
6.º Contra a probidade da administração;
7.º Contra a guarda e o emprego constitucional dos dinheiros publicos;
8.º Contra as leis orçamentaes votadas pelo Congresso.
§ 1.º A condemnação por qualquer d'estes crimes implica a perda do cargo e a incapacidade para exercer funcções publicas.
§ 2.º O Presidente da Republica não é responsavel pelos actos

de administração dos Ministros ou seus agentes, sendo-o apenas pelos crimes indicados nos n.ºs 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º d'este artigo.

SECCÃO III

Do Poder Judicial

Art. 54.º O Poder Judicial da Republica terá por orgãos um Supremo Tribunal de Justiça e tribunaes de primeira e segunda instancia.

§ unico. O Supremo Tribunal de Justiça terá a sua sede em Lisboa. Os tribunaes de primeira e segunda instancia serão distribuidos pelo paiz, conforme as necessidades da administração da justiça o exigirem.

Art. 55.º Os juizes do quadro da magistratura judicial são vitalicios e inamoviveis; e as suas nomeações, demissões, suspensões, promoções, transferencias e collocações fora do quadro serão feitas nos termos da lei organica do Poder Judicial.

Art. 56.º E' mantida a instituição do jury.

Art. 57.º A intervenção do jury será facultativa ás partes em materia civil e commercial, e obrigatoria em materia criminal, quando ao crime caiba pena mais grave do que prisão correccional e quando os delictos forem de origem ou de caracter politico.

Art. 58.º Os juizes serão irresponsaveis nos seus julgamentos, salvo as excepções consignadas na lei.

Art. 59.º Nenhum juiz poderá aceitar do Governo funcções remuneradas. Quando convier ao serviço publico, o Governo poderá requisitar os juizes que entender necessarios para quaesquer commissões permanentes ou temporarias, sendo as nomeações feitas nos termos que a respectiva lei organica determinar.

(Continúa.)

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 19

Esteve reunido no dia 15, a commissão que angariou os donativos para a musica-Velha-União—de S. João de Loura, vir á capital. O motivo da reunião foi o assignante apreciar a bella piaga de que aquella philharmonica mandou um quinto, em signal de reconhecimento, pelo bom acolhimento que tivera n'esta cidade por parte de todos, mas especialmente da commissão que era constituída pelos cidadãos Joaquim Nunes Baeta Junior, José Ferreira Garro, José Tavares de Figueiredo, Bernardino Antonio da Silva, Joaquim d'Oliveira, Manoel Dias da Quinta, Antonio Nunes Valente e José Rodrigues Correia de Mello.

Estuveram tambem presentes á reunião os srs. José Rodrigues Laranjeira e Mario, Martins Rolla.

Todos saborearam uma bella caldeirada «a fragateira», preparada pelo amigo Baeta, terminando esta linda festa por um discurso do sr. José Ferreira Garro que mostrou quantos sacrificios a Commissão fizera e, pondo em evidencia que se não fora a Republica, nunca a nossa querida — Velha-União — viria á capital. Quantos velhinhos da nossa terra tinham

pariga cahia redonda no meio do chão.

—Deve ser como dizes, continuou Norberto, mas a ante-camara da guilhotina não perde com esses casos do seu horror. O condemnado espreita pelo orificio da fechadura, vê o engenho sinistro que o espera. Amanhã, quando se abrir aquella porta... oh! reticencias infernaes, monstruosa agonia!

Lembras-te d'aquelle soldado chamado Oscar que deu um tiro num companheiro e que foi condemnado á morte? O desgraçado, ao ouvir a sentença, ficou de olhos vidrados, inmoveis, agitando automaticamente a cabeça livida á semelhança de um boi atordado por uma forte pancada. O suor empastava-lhe os cabellos. Abriram-lhe a bocca e deitaram-lhe um copo de vinho, impio cordeal, horrendo viatico, que

perdido já a esperança de vir abraçar os seus filhos que moirejam por esta Babyonia.

Terminou o sr. Garro por dar vivas á Republica e a todos os homens de governo, e morras aos traidores, sendo muito correspondido.

—Fez, ha dias, 36 primaveras o nosso presado amigo sr. José Ferreira Garro que, em signal de regosijo, convidou para um esplendido jantar alguns dos seus amigos, o qual teve logar em casa da sua mana, a sr.ª D. Caetana. Assistiram á sua esposa e filho que tinham vindo á capital por causa das festas da Republica. —Melicias

Nojões (Castello de Paiva), 12

Tive o prazer de assistir aos festejos deslustrantes que no Porto se realisaram nos dias 4 e 5, commemorando o 1.º anniversario da Republica Portuguesa, e a que todo o povo se associou com delirio.

Tinha-se descoberto, poucos dias antes, uma conspiração contra as instituições, e o povo, com os seus applausos e vivas estrondosos á Republica e aos seus homens em evidencia, lavrava o mais energico protesto contra esse facto.

Entre outros foram d'aqui assistir aos festejos ao Porto os professores officiaes, Abel e Manuel Moreira da Fonseca, e Constantino Duarte Cerdeira, um dos republicanos mais antigos d'esta terra, que por esse mesmo motivo, varias perseguições soffreu da monarchia.

Em Castello de Paiva tambem não passou despercebida aquella gloriosa data: os srs.: dr. Nobre, Alfredo Augusto Ribeiro e José Duarte Cerdeira, á frente d'uma philharmonica e acompanhados de muito povo, percorreram as ruas, aclamando a Republica, o exercito, a armada, os drs. Afonso Costa e Manoel de Arriaga e outros vultos republicanos.

—A questão do azeite em Paiva, ao que nos consta, parece redundar numa especulação: dois commerciantes de Sobrado, receberam azeite hespanhol, mas allegando que o transporte é muito caro, pediram á administração para o venderem a 300 réis, o litro, o que lhes foi concedido. Mas pouco tempo durou esse azeite, porque agora já este genero está a vender-se a 400 e 440 réis.

—Está a proceder-se, em todo o concelho, ás vindimas. A colheita é inferior á do anno anterior, sendo de esperar que o vinho suba. —Luso-Paivense.

Trofa, 14

Morreu no dia 11, enterrando-se no dia seguinte, o menino Angelino, filho do nosso querido amigo sr. Alipio Simões Estima e meu affilhado. O seu funeral foi muito concorrido, pois n'elle se incorporaram as pessoas mais gradas d'esta terra, que assim quiseram prestar a homenagem da sua sympathia aos paes da desditosa creança, os quaes, realmente, são dignos de toda a estima pela sua honradez, civismo e bondade. —A. Estima.

Na da R.—Por falta de espaço não publicamos na integra a correspondencia da Trofa. Ficará o resto para o proximo numero, tanto mais que não perde a oportunidade. Interessa, por signal, a nossa terra e, desde já, prevenimos d'isso os nossos leitores d'aqui.

Oliveirinha, 4

Com a bellissima idade de 98 annos, falleceu nesta freguezia a menina Anna Rodrigues Loureiro.

Fez a tolice de se deixar morrer antes de fazer o seu centenario. Paz á sua alma.

—Em correspondencia da Perajorge queixar-se «Nauta» da injusta supressão da estação postal da Povoa de Vallade e da creação d'outra igual em Quintans.

Na verdade a estação na Povoa tinha muito mais razão de existir que nas Quintans que dista apenas 1 kilometro

da estação telegrapho-postal da Costa de Vallade, e apenas uns 500 metros da caixa postal da estação do caminho de ferro de Quintans!

A ser mudada a estação da Povoa devia ser para a Oliveirinha, povoação muito mais importante e populosa.

—O ultimo numero da «Liberdade» refere-se ao posto do Registo Civil d'esta freguezia queixando-se amargamente do seu enearregado, pela incompetencia, incompatibilidade com o logar de distribuidor.

—De visita a sua familia esteve na Granja o sr. tenente José Ribeiro.

—Falleceu ante-hontem o sr. José Rodrigues Vieira irmão do sr. padre Vieira, professor do lyceu nacional de Aveiro. Era um honrado lavrador pelo que foi muito sentida a sua morte.

A sua esposa viuva sr.ª Francelina e mais familia os nossos sentidos pezames. —C.

Azurva, 20

Retiraram para a Costa Nova do Prado a sr.ª Maria Marques d'Oliveira e os srs. Victor Simões da Costa e Manoel de Pinho, com suas esposas.

—Estão doentes a sr.ª Engracia de Rezende e os srs. Antonio Marques da Silva e Bernardino Gonçalves Ribeiro.

Desejamos-lhes rapidas melhoras. —(Corresp.)

Por falta de espaço, somos obrigados a deixar para o proximo numero «As minhas cartas», do nosso amigo Paulo Stacio, a correspondencia de Thomar e outros originaes. Que os seus auctores tenham paciencia.

Horarios dos Comboios

VALE DO VOUGA De Aveiro a Albergaria-a-Velha

Table with 3 columns: Station, M., T. Rows include Aveiro, Eixo, Eiról, Travassó, Cabanões, Casal de Alvaro, Oronhe, Agueda, Mourisca, Agueira, Carvalhal da Portella, Macinhata, Jafafe, Sernada, Albergaria-a-Velha.

De Albergaria-a-Velha a Aveiro

Table with 3 columns: Station, M., T. Rows include Albergaria-a-Velha, Sernada, Jafafe, Macinhata, Carvalhal da Portella, Agueira, Mourisca, Agueda, Oronhe, Casal de Alvaro, Cabanões, Travassó, Eiról, Eixo, Aveiro.

Toda a correspondencia, relativa a este jornal, deve ser dirigida ao seu director para o Porto, Rua do Comercio do Porto n.º 124-B.

ABC Illustrado

por ANGELO VIDAL

Um caso de philosophia moral

(CONTINUAÇÃO)

Para dar ao córte uma certa elevação e umas apparencias de generosidade e de sacrificio, o medico, o advogado, o sacerdote, a propria vaidade, eu que sei? suggeriram-lhe palavras soantes, e o desgraçado estava tão perdido, tão desvairado, tão louco, que as repetiu, sabe Deus como, á hora de morte.

Não sei onde vi que no tempo da revolução franceza algumas victimas iam para o cadafalso como quem vae para uma orgia, rindo, lançando epigrammas, ás piruetas. Oh, minha irmã, isto admitte-se, isto comprehende-se?

Maria respondeu com socego: —Comprende-se, em dois casos. Quando se juntam no mesmo semblante a grosseria e o cynismo, eu não estranho que elle possa afivelar essa mascara a caminho da pena ultima: tu bem sabes, ha creaturas deformadas que não fazem ideia nenhuma da vida e que portanto não podem sentir respeito por nada, nem por si mesmas; esses, quem sabe? serão capazes de rir para o machado que está prompto, com uma especie de sinceridade hedionda; sobretudo não indo sós. Tambem ha casos em que a suprema manifestação da dor humana é uma gargalhada macabra, exotica. Alberta, no momento de perder o seu esposo, bate as palmas de contente, atordoa os ares com a sua alegria; d'ahi a poucos instantes o encanto quebrava-se e a pobre ra-

den forças á victima para esperar mais algumas horas pela sua morte. E do anarchista de Barcelona, lembras-te? Emquanto não se apagaram as suas esperanças, houve silencio no carcere; mas depois, quando elle conheceu que estava a curtos passos da morte, soltava a cada momento, como uma fera mortalmente ferida, esse uivo dilacerante: depressa, depressa, Thiago! Já se adivinha, Thiago era o homem que costumava fazer os seus servicos nestes palcos da justiça humana. Um dia, em aguas nossas, ancorava uma esquadra extraordinaria. As ruas, e sobretudo as viellas, enchiam-se a pouco e pouco d'esses odres que vinham a terra encher-se de vinho. Depois, excitados pela orgia, esqueciam-se de tudo, ainda mesmo de que eram hospedes de uma patria generosa que os estimava.

Um d'elles, habituado aos facéis triumphos que costuma deixar-lhes em taes circumstancias a nossa bonhomia nacional, entendeu que, ao entrar no seu navio, podia agredir um official que o reprehendia do estado miserando em que vinha. Alvorço? tumulto? nem sombra de semelhantes coisas! Levaram o marinheiro para dentro, e d'ahi a pouco mais de um quarto de hora, quem estivesse de fora a contemplar aquelle maravilhoso conjunto de coraçados, poderia perceber que um dos monstros mexia virava, como um elephante adormecido nas aguas no momento de despertar; depois encaminhava-se lentamente para fora da barra. (Continúa.)

BISPO DE ANGOLA E CONGO

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.^a e 5.^a classes, por Angelo Vidal.

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da Livraria Central, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.

GRAMMATICA ELEMENTAR DA LINGUA PORTUGUEZA

PARA USO DOS ALUMNOS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

por ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Tem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 reis

PROGRAMMAS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de nstrucção primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.^a 2.^a e 3.^a classes de Instrucção Primaria, por A. M. F.

3.^a edição. . . 100 reis



ANGELO VIDAL

A B C ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes acommodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do malgrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONAO

POR

VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.^a edição—Brochado 60—Cart 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:— Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão—27300 reis.

LÉON TOLSTOI

Ao Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garçon. 1 vol. 200.

O que é a religião? Traducção de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão d'um Padre. Traducção de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete oferecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.^a edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol., 100

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.^a edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em forma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela ciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistá, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual for a sua opinião e a sua crença, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 reis

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.—32 paginas—50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfatiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.^o volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeracção seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exageros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; e estas, «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR... como todos os volumes que não-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

À venda em todas as Livrarias

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e itterario

Redacção e Administracção:

R. do Commercio do Porto, 124-B

ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Portugal—anno	15200
— semestre	600
Africa —anno	15500
Brazil —anno—(moeda forte)	25200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha	10 reis
Communicados, cada linha	20
Para os srs, assignantes 25 p. c. de abatimento. —	—
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.	—

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administracção—R. do Commercio do Porto, 124-B—PORTO

Cam. Int.

4.^o ANNO—N.^o 41